

MULHERES NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA

Mestranda. Raimunda Alvim Lopes Bessa¹ (PUCMINAS)

RESUMO: *A História nos conta que às mulheres brasileiras do século XIX cabiam apenas os papéis de mães e esposas exemplares. Entretanto inúmeras mulheres desse período tiveram produção literária significativa, que, em grande parte, ainda está ausente do panorama literário nacional. Partindo de tais informações e tendo como suportes teóricos as histórias da literatura brasileira, pretende-se, observando o contexto cultural feminino, discutir as possíveis razões para a exclusão das mulheres, em geral, do cânone literário brasileiro; bem como descobrir quem são as mulheres cujos nomes isolados aparecem em algumas “ histórias da literatura brasileira”.*

Palavras-chave: história, literatura brasileira, mulher, educação, escritoras.

“ E as mulheres? Teriam elas, como escreveu,entre outros, La Bruyère , o “ talento e o gênio [...] somente para os trabalhos manuais?” Com efeito, durante longo tempo pretendeu-se que somente lhes ocorria o gênio da paciência, estando o estilo reservado aos homens...”

(Hannah Arendt)

Introdução

Procurando a mulher no contexto cultural brasileiro vamos nos deparar com o silêncio, o vazio ou uma ausência tanto no cenário público da vida cultural literária, como também no registro das histórias da nossa literatura.

São do século XIX os primeiros textos escritos por mulheres brasileiras que têm alguma divulgação entre o público letrado. Até então, a mulher nada escreve, se escreve seus textos não aparecem ou se aparecem são exceção entre maioria quase absoluta de textos escritos por homens.

Na história da literatura brasileira até o início do século XX, ressaltamos a ausência não só de escritoras, mas também de personagens femininos fortes, autênticos e bem delineados. Quando aparecia a mulher (fruto da ideologia e do discurso masculinos, claro!) era pouco personalizada e reduzida à condição de objeto do desejo, nunca sujeito e sempre idealizada romanticamente.

A definição idealizada da mulher foi imposta pela ideologia masculina no decorrer de vários séculos, principalmente no auge da sociedade patriarcal burguesa: a mulher como ser etéreo, “superior”, ela deveria ser virtuosa, delicada, ingênua, ser romântico, fora da realidade cruel do mundo, protegida no recesso do lar, com a sublime missão da maternidade.

A imagem da mãe-esposa-dona de casa como a principal e mais importante função da mulher correspondia àquilo que era pregado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legitimado pelo estado e divulgado pela imprensa.

Ao homem cabe o espaço público da produção, das grandes decisões e do poder; à mulher pertence o domínio da casa e o espaço privado do mundo doméstico. Ao homem compete à esfera pública, e à mulher, a responsabilidade de reprodução e as tarefas domésticas.

Mesmo em meio a esse contexto de isolamento do ambiente cultural e de uma existência estreita e confinada, umas poucas mulheres vão aparecer na história da literatura. Poucas são também as escritoras admitidas no cânone literário brasileiro. Todas as que produzem literatura visando a um público, forçam um lugar para a mulher num cânone marcadamente masculino.

A escrita feminina era refreada e dominada, privada das propriedades que qualificavam a escrita masculina. Muitas dessas mulheres não ousavam assumir seu texto publicamente, era comum o uso de pseudônimo e freqüente a produção em segredo, para dissimular a verdadeira identidade do autor.

Essa situação em que a mulher se encontrava começa a mudar no mundo a partir da segunda metade do século XIX. Na Europa e nos estados unidos, as mulheres começam a se organizar em movimentos reivindicando seus direitos políticos e sociais.

É, ainda, na segunda metade do século XIX que esses movimentos repercutem entre as mulheres brasileiras e se percebem divergências no patriarcado e nas regras de submissão da mulher que afetam os valores tradicionais. Mas só no século XX foram legitimados os direitos que as mulheres conquistaram: o direito ao voto, inclusão de suas vozes na construção da história e acesso à universidade; obtiveram o direito de dispor de seu próprio corpo, a escolha da vida sexual, ao controle da fecundidade e a não ter mais só e obrigatoriamente a função de ser mãe, mas de poder dedicar-se ao trabalho na área e atividade de sua escolha.

Algumas vozes femininas já se destacavam, mas tinham seu talento contestado e eram caluniadas quanto à sua honra. Homem que apoiasse tal atividade era logo suspeito de ser seu amante. Às pouquíssimas mulheres que escreveram e provaram talento tem sido, ainda, imposto um pacto de silêncio masculino causador do desconhecimento de seus nomes e de suas obras.

O objetivo desse texto é mostrar quem são e onde estão esses nomes femininos e pesquisando alguns manuais de História da Literatura Brasileira verificar se dizem ou não, e o que é dito sobre essas mulheres que conseguiram transgredir, transpondo através das letras, o papel que lhes era imposto e deveria obrigatoriamente ser aceito.

1. Mulheres na História da Literatura brasileira de Sílvia Romero

De 1888, *a História da Literatura brasileira – Contribuições e Estudos Gerais para o exato conhecimento da Literatura Brasileira*, de Sílvia Romero, em 5 volumes, menciona alguns nomes femininos.

No volume 1 de sua obra, Romero vai abordar teorias da história do Brasil, o meio, a raça, as tradições, a língua, as relações econômicas, as influências estrangeiras e as fases evolutivas da literatura brasileira. Neste livro se encontram dois nomes femininos, na cronologia do autor, o de sua mãe Maria Vasconcelos da Silveira Ramos(p.5) e o de sua esposa Clarinda Diamantina Correia de Araújo, que se casa aos 15 anos e morre aos 25.(p. 6 e 7).

Romero cita mais de quarenta mulheres em sua obra. Todas poetisas, romancistas...? Não! São mães dos escritores e aparecem no texto exatamente neste lugar, o que deveriam ocupar então: “Cláudio Manoel da Costa (...) Era filho legítimo do português João Gonçalves da Costa e D. Teresa Ribeiro de Alvarenga, brasileira, filha de paulistas.” (p.446,v.2).

Ou ainda, mulheres da nobreza (não brasileiras) que deixaram marcas na história, como num trecho do texto em que o historiador brasileiro Pedro Taques dá conta da fundação do Rio de Janeiro (p.578, 579, vol.2): “...do mesmo ano de 1560, à rainha D. Catarina que governa o reino pela menor idade de seu neto El-Rei D. Sebastião.”

E quando Romero vai falar da Escola Mineira, no capítulo 2, do seu segundo volume: “Reinava em Portugal D. Maria I, quero dizer, todos os impulsos nobres de Pombal tinham desaparecido.” (p.426, v. 2).

Romero escolhe um trecho das memórias de Luís Gonçalves que, ele mesmo, Romero, julgava serem “excelente subsídio para o conhecimento da vida exterior, a arte decorativa, as danças, as festas no Rio de Janeiro no primeiro quartel do século XIX”. (p.591,v.2)

“Nada porém, excedeu aos festejos realizados por ocasião das núpcias da princesa austríaca D. Maria Teresa, por ocasião do desembarque da princesa austríaca D. Maria Leopoldina...”

Ou são filhas de poetisas, como Maria Ifigênia de Alvarenga Peixoto, filha de Alvarenga Peixoto.

“No soneto a sua filha Maria Ifigênia:
A mão que te gerou teus passos guia,
Despreza ofertas de uma beleza,
E sacrifica as honras e riqueza
Às santas leis do filho de Maria.”(p. 432,v.2)

E à página 453,v.2, o protótipo da moça donzela na filha de Alvarenga Peixoto:
“Sua filha Maria Ifigênia um tipo meigo de beleza e de candura”.

Ou esposas, como conta Romero da de Gregório de Matos: “ Ficando em pobreza, casou-se por amor com D. Maria dos povos, bela viúva sem fortuna”. (p374,v.2).Ou de D. Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira, esposa de Alvarenga Peixoto: “ sua mulher era uma dama de inteligência e de espírito...”(p.453,v.2).

E, quando escritoras, fazendo parte de uma lista de 18 “nomes obscuros” usando as palavras do próprio Romero encontramos D. Angela do Amaral Rangel e D. Beatriz F. De Assis Brandão entre 16 nomes masculinos.

Outro nome que figura nas páginas desta História da Literatura é o de Joaquina Dorotéia de Seixas, a célebre Marília de Dirceu que faz parte da biografia do poeta Tomás Antônio Gonzaga, sendo sua paixão e musa inspiradora.

“Depois de condenado, o poeta quis ainda casar-se; Marília não quis, teve medo do desterro!...
D. Dorotéia não era da raça de Bárbara Heliodora ou de Frederica, a divina amante de Goethe. E este era um homem calculado e frio,e Gonzaga sinceramente apaixonado.” (p.459,v.2)

No 3º volume, que contempla a terceira época ou período de transformação romântica-poesia figuram Bárbara Heliodora e Maria Ifigênia, respectivamente esposa e filha de Alvarenga Peixoto. A primeira escreveu poemas: “... porém sua esposa no meio de seus deveres caseiros, de sua missão de mãe, esqueceu-se de seus versos e votou-se de todo o coração à educação de sua filha...”

Vão aparecer os nomes de Estela Sezefreda (atriz):

“ *Antônio José*, interpretada pelos grandes talentos de João Caetano e Estela Sezefreda agradou bastante nos anos de 1838...”

Emília das Neves (atriz): “ Achava-se o poeta em casa do cônsul português, onde igualmente estava Emília das Neves, a talentosa artista, tão aplaudida em nossos teatros” (p.732).

Ludovina Soares da Costa (atriz):...é uma miséria ver que só temos João Caetano e Ludovina(...) Quando só há dous atores de força...”(p.962)

Marieta Landa (cantora); “ Eis aqui um soneto dirigido à cantora Marieta Landa.”(p.1024).

São mulheres da esfera pública, artistas que rompiam com a tradição e tinham seus nomes conhecidos pelo público.

Enfim uma mulher numa lista de poetas homens:

“ São estes os poetas que chamarei de transição. A eles podem ligar-se Antônio Felix Martins, José Maria Velho da Silva, João Capistrano Bandeira de Melo, D. Delfina da cunha e o português José Soares Azevedo.”(p.701,v.3)

Mais um nome feminino que aparece é o de D.Hermínia de Araújo, mulher do Dr.Altino de Araújo para quem Tobias Barreto compôs versos que foram gravados no túmulo dela. O que se diz na HL sobre ela: “peregrina pela beleza e pelas virtudes, morreu esta criatura celeste aos dezoito anos, deixando um filhinho.”(p.718).

Representa a visão idealizada da mulher, bela, virtuosa, jovem, mãe, anjo (“criatura celeste”).

Em seu quarto volume, continuação do terceiro, acrescido da prosa - teatro e romance; Romero, ao falar de um poeta sergipano, Pedro Calasãs, cita o poema intitulado *Mulheres de ouro* (p.1067 e 1068). Ao comentá-lo, Romero chama a reparar nas poesias românticas revelando mais uma vez a visão do “ lugar ” da mulher:

“Nelas, a mulher ou é logo elevada à categoria de anjo, fada, sílfide, ente sobrenatural; ou é arrastada logo à lama como vil pecadora. Não há meio termo: não se concebe que entre anjo e demônio há uma gradação infinita que compreende a realidade da vida.” (p.1068)

Do poema usado como ilustração Romero vai dizer que o poeta critica a falsa virgindade oriunda de vícios da educação corrente e os casamentos por interesse e acrescenta:

“ Na mor parte dos enlaces matrimoniais não são somente as famílias das moças que procuram fazer bons negócios, arranjando noivos ricos; infelizmente é em muito maior escala, os homens é que buscam arranjar-se, fazendo boa negociata argentaria...”(p.1068).

Em uma citação de pé - de - página, Romero vai listar quarenta e seis poetas, entre eles duas mulheres, apenas duas e nada se diz de suas qualidades de escritoras ou obras. São elas: D. Jesuína Augusta Serra e D. Maria Firmina dos Reis .

Quando Romero descreve vida e obra do poeta Tobias Barreto, especificamente ao falar da mãe do poeta, Romero deixa claro o “ retrato da mulher da época” na ideologia vigente.

“Sua mãe – D. Emerenciana de Meneses, era meiga, de gênio suave e doce, temperamento melancólico e cheio de resignação (...) D. Emerencina passaria por fidalgamente branca em qualquer parte do Brasil.” (p..1192)

Maria d’Albuquerque(p.1241) e Leocádia Cavalcanti (p.1223) foram ambas paixões do poeta Tobias Barreto e tornaram-se inspiração para alguns poemas. Da última diz-se “ lindíssima Leocádia e levou-o quase às portas do suicídio.” E “ pensou em casar-se com a aristocrática donzela. O pai desta opôs-se tenazmente.”

Sobre a primeira, “ bela morena, inteligente amadora do canto e do piano...”.

Adelaide do Amaral e Eugênia Câmara (p.1214): “Este último fato se deu por questões de bastidores, por causa das atrizes Eugênia Câmara e Adelaide Amaral.”

D. Paulina Monteiro de Siqueira Cavalcanti (p.1246):

“Em igual elevação lírica adejam poesias consagradas a (...), senhora de rara distinção, um dos mais dignos caracteres femininos da sociedade pernambucana no último quartel do século XIX, e esposa do honrado cavalheiro Antônio dos santos Siqueira Cavalcanti. Essa inteligente e ilustrada senhora...”

2. Mulheres na História da Literatura brasileira de José Veríssimo

José Veríssimo escreve em 1912 a sua *História da Literatura Brasileira*, só publicada em 1916. Nela não há registro de nome ou obra de nenhuma mulher escritora. Quando se depara com algo sobre a mulher, decepção! Um homem, Taunay, escreve aumentando “ o nosso cabedal literário, enriquecendo do mesmo passo a nossa ficção, com outros romances, *Lágrimas do Coração*(1873), republicado nos anos de 90 com o título menos romântico de “Manuscrito de uma mulher.” (p. 222 e 223). O manuscrito de uma mulher escrito por um homem!

“... alguns nomes ainda vivem na tradição, como Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Florindo, Vicente de Oliveira, Eugênia Câmara, Ismênia dos Santos, Manoela Luci, Xisto Baía, Corrêa Vasques, e ainda outros.”(p.234)

Três nomes femininos! Não de escritoras brasileiras, mas de artistas brasileiras e portuguesas fixadas no Brasil e que trabalhavam em companhias de espetáculos de peças nacionais, portuguesas ou traduzidas. De qualquer forma, são mulheres que fora do âmbito doméstico influenciaram as artes, as letras e o comportamento feminino.

Eugênia Câmara, atriz portuguesa que foi musa e mulher do poeta Castro Alves (ela era dez anos mais velha que ele). A segunda, Ismênia dos Santos, nascida em 1910 e falecida em 1963, era cantora e atriz, trabalhou como radioatriz e Manoela Luci, atriz.

Mais tarde, ao discutir o teatro e a literatura dramática, José Veríssimo nos leva a crer que as atrizes já citadas também escreviam peças teatrais.

“ Nas principais capitais do país, companhias locais ou adventícias era certo darem em estações adequadas espetáculos com peças nacionais, portuguesas ou traduzidas. Dos atores que as compunham escaparam alguns nomes, famosos no seu tempo, e que ainda vivem na tradição. Além da primeira hora do nosso teatro e seus fundadores, João Caetano, Florindo, Estela Sezefreda, citam-se mais os de Joaquim Augusto, Furtado Coelho, Germano Amoedo, Vicente de oliveira, Eugênia Câmara, Ismênia dos Santos, Manoela Luci, Xisto Baía, Corrêa Vasques e outros.” (p.259,260)

Ao comentar em sua obra sobre publicistas, oradores, críticos, José Veríssimo cita mais um nome feminino entre os críticos: “(...) fizeram igualmente crítica literária. Pelo tempo adiante, com certa assiduidade e algum mérito, Paula Menezes, Dutra Melo...(p.274)”.

Concluindo seu capítulo sobre o naturalismo e o parnasianismo, diz Veríssimo:

“É este o grande mal da literatura brasileira: que por circunstâncias peculiares à nossa evolução nacional, ela tem sido sobretudo, quase exclusivamente até, feita por moços, geralmente rapazes das escolas superiores, ou simples estudantes de preparatórios, sem o saber dos livros e menos ainda o da vida. Ora a literatura, para que valha alguma coisa, há de ser o resultado emocional da experiência humana”.(p.252).

Se José Veríssimo critica aqui o fato de a literatura nacional ser feita por homens jovens e de pouco conhecimento e experiência, fica clara a exclusão das escritoras do cânone forjado pela crítica e pela historiografia feita por homens que detinham o poder intelectual e político.

3. Mulheres na História da Literatura brasileira de Nelson Werneck Sodré

Na História da Literatura de Nelson Werneck Sodré (1938) são citadas: Auta de souza (p.318), Beatriz Assis Brandão(p.318), Cármen Dolores (p.388,402,441), Júlia Lopes de Almeida (p. 441,493,513), Narcisa Amália(p.338,460,560) e Nísia Floresta (p.318).

Auta de Sousa, Beatriz Brandão e Nísia Floresta são citadas numa lista em que figuram apenas como 7% de nomes femininos entre os nomes masculinos. Ao citar essa lista de 44 nomes, o autor inicia assim o parágrafo: “Entre os poetas menores do romantismo podem ser arrolados...” (p.317).

O nome de Narcisa aparece numa seqüência de nomes, na página 338, logo após Machado de Assis que lança o romance *Ressurreição* e Taunay com *Inocência*, a escritora desponta com as poesias de *Nebulosas*, todos em 1872.

A melhor citação do nome de Narcisa Amália é a que figura sob a seguinte epígrafe:

“Uma relação bibliográfica da poesia romântica no Brasil(...). Aqui são mencionadas as obras dos principais poetas românticos, os estudos a respeito delas e alguns trabalhos e informações biográficas, mencionando-se as edições presumidamente melhores”.(p.560).

Sobre Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) esta História da Literatura traz as informações de que ela nasceu no Rio de Janeiro e é uma romancista que teve destaque nos primeiros decênios do século, escrevendo particularmente para o público feminino. Em outra citação “ A ficção será animada, a princípio, pela inocuidade de um...pela superficialidade de um... ou pela gratuidade de uma Júlia Lopes de Almeida.” (p.493).

“Cármem Dolores, pseudônimo se Emília Bandeira de Melo, figurou em um romance de 1911, *A Luta*, sobre a instabilidade social da mulher”. (p.4020).

Ao falar da imprensa, especificamente dos artigos literários, Sodré vai citar Júlia Lopes de Almeida e Cármem Dolores além de um caso que se repete: um homem como Abner Mourão que escreve sob o pseudônimo de Isabela Néilson.

Em outra lista, que caracteriza obras naturalistas destacando-lhes pontos negativos, encontra-se sobre Cármem: “...os exageros da fisiologia de que abusa ... ou as incompreensões de Cármem Dolores em *A luta...*”(p.388).

4. Mulheres na História da Literatura de Alfredo Bosi

Em sua *História Concisa da Literatura Brasileira* de 1970, Alfredo Bosi vai citar 90 nomes femininos. Será mera menção do nome, ou alguma delas vai merecer biografia e destaque?

Ao consultar o índice, aparece apenas o nome de quatro delas: Francisca Júlia, Raquel de Queirós, Clarice Lispector e Cecília Meireles. Destas, fala-se das obras e de sua importância. No caso de Clarice, é citada várias vezes e tem oito páginas descrevendo sua obra.

Algumas são estrangeiras como Katherine Mansfield e Marianne Moore.

Outras, brasileiras, são apenas citadas por algum trabalho, como Alice Canabrava que prefaciou uma edição de Afonso de Taunay, ou texto e glossário de Maria Beatriz Niza da Silva sobre literatura de viagem e ainda assim, em pé de página e também Heloísa Buarque de Holanda que organiza uma antologia representativa chamada *26 poetas hoje*.

Muitas ficam só na mera menção do nome como “ Henrique Castriciano e Auta de Sousa, “potigües” (p.286) ou “Lia Correia Dutra, O Romance brasileiro”, nome e obra em pé de página.(p.237)

E como Henriqueta Lisboa, cujo nome é citado várias vezes, algumas também só em pé de página. E não se diz de sua obra ou de sua pessoa.

Bosi reúne nomes de poetas que escreveram entre as décadas de 50 e 60, poetas que ele julgou serem diferentes entre si, mas próximos em sua concepção lírica entre o moderno e o tradicional. Diz ser o ponto de referência desses autores, ainda a poética da geração de 45 e completa dizendo “prefiro ver neles o nosso veio existencialista em poesia”. Nesse grupo vamos encontrar 8 nomes femininos de poetas:

“Marly de Oliveira (Cerco da Primavera, Explicação de Narciso, A vida Natural, O sangue na veia); Laís Correia de Araújo (O signo e Outros Poemas, Cantochão); Renata Pallotini (A Casa, Livro de sonetos, A Faca e a Pedra, Noite Afora, Cantar meu povo); Stella Leonardos (Poesia em Três Tempos, Poema da Busca e do encontro, Rio Cancioneiro, amanhecência); Olga Savary (Espelho Provisório, Sumidoro); Hilda Hilst (Baladas de Alzira, Balada do Festival, Trovas de muito amor para um amado senhor, Ode fragmentária, sete cantos do poeta para o anjo); Dora Ferreira da Silva (Andanças, Talhamar, Retratos de Origem); Adélia Prado (Coração disparado, O Pelicano)”. (p.485,486)

De Ana Cristina César, Bosi menciona as obras *Cenas de Abril*, *Luvras de Pelica*, *A teus pés* e vai dizer que junto com Cacaso, pseudônimo de Antônio Carlos Brito, os dois poetas se converteram em emblemas de uma geração. (p. 487)

5. Mulheres na História da Literatura de Luciana Picchio

A História da Literatura Brasileira (1972) de Luciana Stegagno Picchio, é escrita por uma mulher, estrangeira e com ótica de mulher e de estrangeira (“um olhar de fora”). Conhecedora da língua portuguesa e inteirada da cultura e da literatura brasileira, sua visão é diferente por ver a literatura brasileira como um conjunto, num todo e por se assentar nas fontes das literaturas ibéricas e de toda a cultura européia. É ainda interessante que o público primeiro da destinação dessa obra era também um público estrangeiro, o italiano.

Em sua introdução e capítulo primeiro “caracteres da literatura brasileira” nada se diz de uma literatura feita por mulheres nem da ausência da escritura feminina. Mas percebe-se, ainda que sutilmente, sua participação na construção da identidade nacional e sua importância na propagação de uma literatura oral como percebe-se no trecho:

“No Brasil, a instituição africana do akpalô é encarnada por velhas negras que de engenho em engenho vão contando a outras negras suas histórias maravilhosas nas quais as fábulas zoomorfas africanas convivem com os contos portugueses de Trancoso e com as lendas carolíngias.” (p.36)

Setenta e oito nomes femininos são mencionados na obra de Stegagno Picchio (índice onomástico). Há nomes de estrangeiras, como das portuguesas Florbela Espanca e Sophia de Melo Breyner – Andresen.

Dentre esses nomes, ainda poucos figuram no índice da obra, ao lado do vasto cânone masculino.

Bárbara Heliodora aparece junto com Alvarenga Peixoto no índice, no título e no texto que fala sobre ambos. Sobre Bárbara se diz:

“Companheira, a partir de 1781, de Alvarenga Peixoto, Bárbara era musa de um arcádico salão colonial, celebrada por sua vez como a primeira (em ordem cronológica) poetisa do Brasil: apesar de haverem sobrevivido poucos versos seus, bem como alguns trabalhos literários contestados a Inácio José.” (p.130,131)

Bárbara é a única mulher mencionada no cânone arcádico por sua influência na vida e obra de Alvarenga. Quanto ao seu papel de poeta foi suprimido por sua condição de mulher, que podia ser musa, mas não criadora.

Theresa Margarida Orta aparece num segundo grupo e dela se diz “pseud. Anagramático de Dorothea Engrassia Tavadra Dalmira (...) irmã de Matias Aires.” (p.146).

As outras são: Narcisa Amália, Francisca Júlia e Gilka Machado.

O nome de Rachel de Queiroz aparece como precursora da “Literatura do nordeste” junto com José Américo Almeida e depois sozinha, como pioneira por sua atuação regionalista.

Cecília Meireles também mereceu três páginas na HLB analisada e recebe o título de “Pastora das nuvens”.

Assim como Rachel de Queiroz, o que se diz de ambas reafirma que essas têm um lugar no cânone da literatura brasileira.

“O último grande nome da poesia do segundo Modernismo é o de Cecília Meireles (1901- 1964): juntamente com bandeira e Drummond...

(...)

Uma das vozes femininas mais puras da poesia de expressão portuguesa de todos os tempos.” (p. 558).

Nesse caso ainda estão Henriqueta Lisboa, Deborah Brennand, Lúcia Miguel Pereira e ainda uma lista intitulada “ A escrita das mulheres, onde estão os nomes de Maria Alice barroso, Marina Colasanti, Helena Parente Cunha, Zélia Gattai, Elisa Lispector, Lya Luft, Ana Maria Machado, Ana Miranda, Nélida Piñon, Diná Silveira de Queirós, Edla Van Steen e Lygia Fagundes Telles.

“Atualmente cinco nomes femininos consagrados pela academia brasileira são Raquel de Queirós, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Zélia Gattai e Ana Maria Machado.” (p.648)

Luciana S. Picchio faz uma relação comparativa da escrita das mulheres, metafórica e baseada no eixo vertical de quem fica parada em sua casa, com a escrita metonímica e horizontal do homem que viaja deslocando-se no tempo e no espaço. Mas que isso está mudando como consequência da mudança de qualidade de vida refletindo nas escolhas estéticas. E que há uma legião de escritoras que habitam e enriquecem a cena brasileira com sua própria visão do mundo. Para ela, no início do século XX é que aparece com força a contribuição das mulheres à vida pública do país em todos os setores.

Em outra parte, com o título de “Poesia: a arte de servir” aparecem os nomes de Cora Coralina, Lélia Coelho Frota, Renata Pallotti e Marly de oliveira.

Em duas páginas, com o título “Poetas Mulheres”, Stegagno Picchio traz vários nomes e explica o motivo da escolha.

“Entre os poetas mulheres”, expressão de Clarice Lispector, Picchio menciona Lupe Cotrim Garande, Lélia Coelho Frota, Edith Sitwell, Myrian Fraga, Neide Archanjo, Olga Savary, Adélia Prado, Stella Leonardos e Marly de Oliveira. E assim explica:

“Aqui mesmo a escolha de nomes é só indicativa das tendências da atual poesia de mulheres, além dos conhecimentos e predileções da autora destas páginas. O elenco podia naturalmente incluir muitos outros nomes e títulos, entre os quais não poderíamos esquecer a figura da velha matriarca goiana de Cora Coralina, bem como os estilos tão diversos representados por Hilda Hilst, Dora Ferreira Vasconcelos, Ana Cristina César ou Denise Emmer.” (p.663)

E sugere uma lista de nomes contemporâneos para os leitores: “ Deixamos aqui indicada uma pequena lista para a apreciação dos leitores”: a amazonense Astrid Cabral (*Pontos de cruz*, 1979; *Rês desgarrada*, 1994); a paulista Orides Fontela (*Helianto*, 1973; *Trevo*, 1988); a carioca Elizabeth Veiga (*A paixão em claro*, 1991); a recifense Teresa Tenório (*Corpo de terra*, 1994); a carioca Bruna Lombardi (*No ritmo dessa festa*, 1976) e a recifense Elizabeth Hazin (*Espelho meu*, 1985).

Reverendo as listas vamos encontrar entre os poetas de 45 , Maria Ângela Alvim, Laís Corrêa de Araújo e Celina Ferreira. Entre escritores e poetas “mineiros” além de Laís Corrêa de Araújo, Maria Luísa Ramos. Entre os autores de teatro de “bom nível”: Leilah Assumpção e os narradores e poetas que “ foram tentados pela escrita dramática e deram ao teatro textos literários de prestígio, embora nem sempre levados à cena”, Diná Silveira de Queirós e Renata Pallottini.

Clarice Lispector é a estrela em meio aos astros da literatura masculina:

“os nomes mais destacados são os de Guimarães Rosa e de Clarice Lispector”. (p.605)

“... a excelência e a singularidade de uma autora de quem os públicos nacional e internacional continuam até hoje a descobrir.” (p.613)

A voz feminina antes silenciada, sem identidade surge pela prática de uma linguagem literária que constata as perdas, os problemas e quer ser autêntica.

Stegagno Picchio vai dizer em obra: “ O memorialismo foi considerado apanágio da literatura feminina.” (p.647) e “...há outras autoras que com empenho e originalidade perseguem a sua trajetória poética”. (p.649).

6. Mulheres no Dicionário Bibliográfico brasileiro de Sacramento Blake

Embora fora da ordem cronológica e mesmo não sendo uma história da literatura brasileira, o *Diccionario Bibliographico Brasileiro* de Sacramento Blake de 1883 a 1902, em 7 volumes, é uma excelente fonte do que foi durante muito tempo o cenário da história da literatura feminina.

Listo aqui Alguns dos nomes das escritoras, em sua maioria poetisas a quem o autor procurou dar biografia completa e as obras publicadas (livros e revistas). Muitas vezes vamos encontrar afirmações do autor que comprovam o descaso, a falta de registro e a história silenciada da produção feminina.

“ Não podendo por mais que procurasse, obter notícias de seus escritos, só posso mencionar os que conheço..” (p.97)

“... eu disse que si as mulheres não se davam às sciencias e às letras com o mesmo amor ou perseverança com que se dão os homens, era isto devido somente à educação toda outra; mas não porque não sejam dotadas do mesmo grau de inteligência...”

São 110 nomes femininos listados. Destaco aqui apenas alguns com as devidas observações:

D. Anna Barbosa de Lossio e Seilbitz , “ escreveu diversos artigos em prosa e em verso sob diversos pseudônimos.”(p.93). Era comum que as mulheres escrevessem usando pseudônimos para manter-se no anonimato, o que dificulta as pesquisas recentes de identificar a verdadeira autoria dos textos.

D. Dulce , sem biografia “ não a conheço senão pela seguinte publicação de sua penna: “ *Historietas para crianças.*” (p.230).

D. Emília leal, “Não obtive notícia acerca desta escriptora, mas só dous trabalhos seguintes...”(p.231).

D. Mary Card , “ creio que é um pseudonymo. A única notícia que della tenho é a de ser uma escriptora brasileira. Só a conheço pelo seguinte trabalho seu: *A beleza...*” (p.253, v. 6).

D. Narcisa Villon, “ sinto não poder dar notícias suas, porque só a conheço pelo seu trabalho, que nunca vi: _ *Legenda colonial pela Independência do Ipiranga*, Rio de Janeiro, 1859.”(p. 304,v.6)

D. Vera A. Claeser, “ Não tenho a honra de conhecer esta senhora, somente sei que é brasileira e muito distinta e ilustrada...(p.433).

E este caso em que o nome da autora jamais chegou a ser conhecido e nos leva a questionar qual seria a causa:

“ uma distinta Senhora Brasileira” – “ com esta única indicação dá a casa Laemmert & Comp. A notícia da traducção do livro _ *A Capellinha* (costumes conjugaes): romance de Alphonse Daudet, publicado pela primeira vez na *Ilustração Francesa* e traduzido por uma distinta senhora brasileira. Rio de Janeiro, 1897.” (p.408)

Conclusão

Nessa busca de nomes de escritoras brasileiras nos volumes de histórias da nossa literatura, tão importante quantos os nomes, é a mulher aí representada e como se descreve a condição feminina no Brasil.

Percebe-se a ausência da mulher no registro, feito por homens, de produções literárias ao longo da história da nossa literatura, mas a ausência se dá em todo o campo social das atividades artísticas revelando preconceitos que determinam o comportamento da mulher.

A mulher brasileira, desde o início da colonização estava condenada a uma vida de repressões e constrangimento. Não podiam nem sair de casa, senão em determinadas condições para não provocar escândalo. A educação que lhe davam era limitada, deixam-nas na ignorância das questões gerais. Em suma, para elas só existe o estreito círculo da existência doméstica. A mulher segue com disciplina os papéis (filha,mãe, esposa) institucionalmente impostos e aceitos.

Só no século XIX são divulgados entre o público alguns textos escritos por mulheres brasileiras. Assim a idéia a princípio era a de que a mulher não devia escrever ou estudar ou ter uma profissão e depois que não deviam ler determinados livros ou escrever sobre determinados assuntos. Nessa época ocorrem importantes mudanças políticas, econômicas e sociais (revolução industrial, emancipação das colônias americanas e início da era romântica).E a representação da imagem feminina reproduz os comportamentos da mulher que iam da submissão à transgressão.

Somente em princípio do século XX as mulheres gozam de maior liberdade e vão utilizar a imprensa feminina como meio de organizar e divulgar suas lutas e conquistas (o direito à educação superior, a votar e ser votada e exercer profissões remuneradas).

Para muitos acadêmicos a mulher não deveria ter os mesmos direitos.Sílvio Romero é um intelectual que apoiava a causa feminina e que, embora não admita muitas delas no cânone, escreveu prefácios encomiásticos para livros de escrita feminina.

Vivendo confinadas à esfera doméstica, poucas mulheres se aventuraram a escrever e publicar em virtude das restrições do modelo patriarcal.

A história “oficial” da literatura brasileira sempre passou uma idéia da “ ausência” feminina na cultura do país. Estudos mais recentes com base metodológica de história, teoria e crítica da literatura feminina brasileira vem sendo montada por vários grupos de pesquisadores e pesquisadoras trazendo à tona nomes e obras esquecidos, abandonados e desconhecidos.

A Associação Nacional de Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística vem realizando trabalhos no Grupo de Trabalho *A mulher na literatura*, cuja pesquisa passa por três vertentes. A primeira é mais no sentido da recuperação da história silenciada da produção feminina até a análise dos paradigmas patriarcais e logocêntricos da literatura canônica. A segunda a identificação de uma escritura feminina e a terceira ligada à análise do papel da mulher na literatura (como autora, narradora e personagem).

Histórias da Literatura brasileira analisadas neste trabalho, de Sílvio Romero, José Veríssimo, Alfredo Bosi até Luciana Picchio, se comparadas ao dicionário bibliográfico de Sacramento Blake vão denunciar quantas escritoras estão fora da história da literatura, embora tenham registro de sua existência e de suas obras.

Nas histórias da literatura elaboradas até meados do século XIX, seus nomes raramente aparecem. E o reconhecimento de seus nomes e o incorporação de suas obras ao cânone tardou muito.

É mesmo só a partir do século XX que as mulheres participam do âmbito da criação literária; são poetisas, romancistas, dramaturgas, ensaístas; e elas passam a colaborar cada vez mais no fortalecimento da produção artística do país.

Se ainda assim permanecem excluídas, o que diremos das outras cujos nomes passaram desconhecidos pela história e seus textos perderam-se no tempo devido ao descaso e à pouca importância dada a mulher como criadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional,ed. Do Conselho Federal, Brasília, 1970.

BOSI, Alfredo.**História concisa da literatura brasileira**.33. ed.rev.aum.São Paulo: Cultrix, 1995. 528 p.

GOTLIB, Nádya Batella. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. Oxford: abril a junho de 1998.

MENDES,Algemira Macedo. **A imagem da mulher na obra de Amélia Beviláqua**. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

PICCHIO, Luciana Stegagno. **História da literatura brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 2004.

PRADA, Cecília. Vozes silenciadas. **Revista problemas brasileiros**. São Paulo: nº 362, a. 42, mar. e abr. 2004.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**: contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira. 7. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio: Brasília: INL- MEC, 1980. v.1 a 7.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**: seus fundamentos econômicos. 5ª ed. Rio de Janeiro, 1969.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908). 5. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1969. 299 p.

1 Raimunda Alvim Lopes Bessa, mestranda

(PUCMINAS, Programa de Pós-Graduação em Letras)

Literaturas de Língua Portuguesa

posletras @pucminas.br